



Universidade da Amazônia

História da Província de Santa Cruz

de Pêro de Magalhães
Gândavo



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

História da Província de Santa Cruz

de Pêro de Magalhães Gândavo

APROVAÇÃO

Li a presente obra de Pêro de Magalhães, por mandado dos Senhores do conselho geral da Inquisição, e não tem coisa que seja contra nossa Santa Fé católica, nem os bons costumes, antes muitas, muito para ler, hoje dez de Novembro de 1575.

— Francisco de Gouvea.

Vista a informação pode-se imprimir, e torne o próprio com um dos impressos a esta Mesa: e este despacho se imprimirá no principio do Livro com a dita informação. Em Évora a dez de Novembro. — Manoel Antunes Secretario do Conselho geral do Santo Oficio da Inquisição o fez de 1575 anos. — Lião Anriques

—ManoeldosCoadros.

AO MUITO ILUSTRE SENHOR DOM LIONIS PEREIRA SOBRE O LIVRO QUE LHE OFERECE PERO DE MAGALHÃES TERCETOS DE LUÍS DE CAMÕES

Depois que Magalhães teve tecida
A breve historia sua que ilustrasse,
A Terra Santa Cruz pouco sabida;
Imaginando a quem a dedicasse,
Ou com cujo favor defenderia
Seu livro, de algum zoilo que ladrasse,
Tendo nisto ocupada a phantasia,
Lhe sobreveio um sono repousado,
Antes que o Sol abrisse claro dia.
Em sonhos lhe aparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa,
Com que fez quem o viu todo enfiado,
Dizendo em voz pesada e temerosa:
Não é justo que a outrem se ofereça
Nenhuma obra que possa ser famosa,
Senão a quem por armas resplandeça
No mundo todo com tal nome e fama,
Que louvor imortal sempre mereça,
Isto assim dito, Apollo que da flama
Celeste guia os carros, da outra parte
Se lhe apresenta, e por seu nome o chama,
Dizendo: Magalhães, posto que Marte
Com seu terror t'espante, todavia
Comigo debes só aconselhar-te
Um barão sapiente, em quem Talia

Pôs seus tesouros, e eu minha ciência,
Defender tuas obras poderia.
É justo que a escritura na prudência
Ache sua defesa; porque a dureza
Das armas, é contrária da eloquência.
Assim disse: e tocando com destreza
A citara dourada começou
De mitigar de Marte a fortaleza:
Mas Mercúrio, que sempre costumou
A despartir porfias duvidosas,
Co'o caducêo na mão que sempre usou,
Determina compor as perigosas
Opiniões dos Deuses inimigos,
Com razões boas, justas e amorosas,
E disse, bem sabemos dos antigos
Heróis, e dos modernos que provaram
De Belona os gravíssimos perigos,
Que também muitas vezes ajuntaram
As armas eloquência; porque as Musas
Mil capitães na guerra acompanharam.
Nunca Alexandro, ou Cesar, nas confusas
Guerras deixaram o estudo um breve espaço.
Nem armas das ciências são escusas.
N'uma mão livros, noutra ferro e aço:
A sua rege e ensina e outra fere
Mais c'o saber se vence que co'o braço.
Pois, logo barão grande se requiere,
Que com teus dons Apollo illustre seja,
E de ti Marte palma e gloria espere.
Este vos darei, eu em que se veja,
Saber e esforço no sereno peito,
Que se Dom Lionis que faz ao mundo inveja.
Deste as irmãs em vendo o bom sujeito,
Todas nove nos braços o tomaram,
Criando-o com seu leite no seu leite.
As artes e ciência lhe ensinaram,
Inclinação divina lhe influirão,
As virtudes morais que o logo ornarão.
Daqui os exercícios o seguirão,
Das armas no Oriente, onde primeiro,
Um soldado gentil instituirão.
Ali tais provas fez de Cavaleiro,
Que de Cristão magnânimo e seguro,
Assim mesmo venceu por derradeiro.
Depois já Capitão forte e maduro
Governando toda Áurea Cérsoneso,
Lhe defendeu c'o braço o débil muro.
Porque vindo a cercá-la todo o peso
Do poder dos Acéns, que se sustenta
Do sangue alheio, em fúria todo aceso.

Este só que a ti Marte representa
O castigo de sorte, que o vencido
De ter quem fique vivo se contenta.
Pois tanto que o grão Reino defendido
Deixou: Segunda vez com maior gloria
Pero o ir governar foi elegido.
Mas não perdendo ainda da memória
Os amigos o seu governo brando
Os inimigos o dano da vitoria.
Uns com amor intrínseco esperando
Estão por ele, e os outros congelados
O vão com temor frio receando.
Pois vede se serão desbaratados
De todo por seu braço, se tornasse,
E dos mares da Índia degradados.
Porque é justo que nunca lhe negasse
O conselho do Olimpo alto e subido
Favor e ajuda com que pelejasse
Pois aqui certo está bem dirigido,
De Magalhães o livro, este só deve
De ser de vós ó Deuses escolhido.
Isto Mercúrio disse: e logo em breve
Se conformarão nisto, Apollo e Marte,
E voou juntamente o sono leve.
Acorda Magalhães, e já se parte
A vós oferecer Senhor famoso
Tudo o que nele pôs, ciência e arte.
Tem claro estilo, ingenho curioso
Para poder de vós ser recebido,
Com mão benigna de animo amoroso.
Porque só de não ser favorecido
Um claro espirito, fica baixo e escuro
E seja ele convosco defendido
Como o foi de Malaca o fraco muro.

SONETO DO MESMO AUTOR AO SENHOR DOM LIONIS, ACERCA DA VITORIA
QUE HOVE CONTRA EL-REI DO ACÉM E MALACA

Vós Nymphas da Gangelica espessura,
Cantai suavemente em voz sonora
Um grande Capitão, que a roxa
Aurora Dos filhos defendeu da noite escura,
Ajuntou-se a caterva negra e dura,
Que na Áurea Cérsoneso afouta mora,
Para lançar do caro ninho fora
Aqueles que mais podem que a ventura;
Mas um forte Leão com pouca gente,
A multidão tão fera como necia,
Destruindo castiga, e torna fraca.

Pois ó Nymphas cantai, que claramente
Mais do que Lionidas fez em Grécia
O nobre Lionis fez em Malaca.

AO MUITO ILUSTRE SENHOR DOM LIONIS PEREIRA EPISTOLA DE PERO DE MAGALHÃES

Neste pequeno serviço, muito ilustre Senhor, que ofereço a V. M. das primícias de meu fraco entendimento poderá nalguma maneira conhecer os desejos que tenho de pagar com minha possibilidade alguma parte do muito que se deve a ínclita fama do vosso heróico nome. E isto assim pelo merecimento do nobilíssimo sangue e clara progenie donde traz sua origem, como pelos troféus das grandes vitórias e casos bem afortunados que lhe hão sucedido nessas partes do Oriente em que Deus o quis favorecer com tão larga mão, que não cuido ser toda minha vida bastante pera satisfazer à menor parte dos seus louvores. E como todas estas razões me ponham em tanta obrigação, e eu entenda que outra nenhuma cousa deve ser mais aceita a pessoas de altos ânimos que a lição das escrituras, per cujos meios se alcançam os segredos de todas as ciências, e os homens vêm a ilustrar seus nomes, e perpetua-los na terra com fama imortal, determinei escolher a V. M. entre os mais Senhores da terra, e dedicar-lhe esta breve história. A qual espero que folgue de ver com atenção, e receber-ma benignamente debaixo do seu emparão: assim por ser cousa nova, e eu a escrever como testemunha de vista: como por saber quão particular afeição V. M. tem ás cousas do engenho, e que por esta causa lhe não será menos aceito o exercício das escrituras que o das armas. Por onde com muita razão favorecido desta confiança possa seguramente sair à luz com esta pequena empresa, e divulgada pela terra sem nenhum receio, tendo por defensor dela a V. M. Cuja muito ilustre pessoa nosso Senhor guarde e acrescente sua vida e estado por longos e felizes anos.

PRÓLOGO AO LEITOR

A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente historia, e sair com ela a luz, foi por não haver até gora pessoa que a empreendesse, havendo já setenta e tantos anos que esta Província É descoberta. A qual historia creio que mais esteve sepultada em tanto silencio, pelo pouco caso que os portugueses fizeram sempre da mesma província, que por faltarem na terra pessoas de engenho, e curiosas que per melhor estilo, e mais copiosamente que eu a escrevessem. Porém já que os estrangeiros a tem noutra estima, e sabem suas particularidades melhor e mais de raiz que nós (aos quais lançaram já os portugueses fora dela à força d'armas por muitas vezes) parece cousa decente e necessária terem também os nossos naturais a mesma noticia, especialmente pera que todos aqueles que nestes Reinos vivem em pobreza não duvidem escolhe-la para seu emparo: porque a mesma terra é tal, e tão favorável aos que a vão buscar, que a todos agasalha e ouvida com remédio por pobres e desamparados que sejam. E também ha nela cousas dignas de grande admiração e tão notáveis que parecera descuido e pouca curiosidade nossa, não fazer menção delas em algum discurso, e da-las à perpetua memória, como costumavam os antigos: aos quais não escapava cousa alguma que por extenso não reduzissem a história, e fizessem menção em suas escrituras de cousas menores que estas, as quais hoje em dia vivem entre nós como sabemos, e

viverão eternamente. E se os antigos portugueses, e ainda os modernos não foram tão pouco afeiçoados à escritura como são; não se perderão tantas antiguidades entre nós, de que agora carecemos, nem houvera tão profundo esquecimento de muitas cousas, em cujo estudo têm muitos homens doutos cansado, e revolvido grande copia de livros sem as poderem descobrir nem recuperar da maneira que passarão. Daqui vinha aos Gregos e Romanos haverem todas as outras nações por barbaras, e na verdade com razão lhes podiam dar este nome, pois eram tão pouco solícitos, e cobiçosos de honra que por sua mesma culpa deixavam morrer aquelas cousas que lhes podiam dar nome, e faze-los imortais. Como pois a escritura seja vida da memória, e a memória uma semelhança da imortalidade a que todos devemos aspirar, pela parte que dela nos cabe, quis movido destas razões, fazer esta breve historia, pera cujo ornamento não busquei epítetos esquisitos, nem outra formosura de vocábulos de que os eloqüentes Oradores costumam usar pera com artificio de palavras engrandecerem suas obras. Somente procurei escrever esta na verdade por um estilo facil, e chão, como meu fraco engenho me ajudou, desejoso de agradar a todos os que dela quizerem ter noticia. Pelo que devo ser desculpado das faltas que aqui me podem notar: digo dos discretos, que com são zelo o costumam fazer que dos idiotas e mal dissententes bem sei que não hei de escapar, pois está certo não perdoarem a ninguém.

CAPITULO I

De como se descobriu esta Província, e a razão porque se deve chamar Santa Cruz e não Brasil.

Reinando aquele mui Católico e Sereníssimo Príncipe El Rey Dom Manuel, fez-se uma frota para a Índia, de que ia por Capitão mor Pedro Alvares Cabral, que foi a segunda navegação que fizeram os Portugueses para aquelas partes do Oriente. A qual partiu da Cidade de Lisboa a nove de Março no ano de 1500. E sendo já entre as Ilhas do Cabo Verde, as quais iam demandar para fazer ai aguada, deu-lhes um temporal, que foi causa de as não poderem tomar, e de se apartarem alguns navios da companhia. E depois de haver bonança junta outra vez a frota, empregaram-se ao mar, assim por fugirem das calmarias de Guiné que lhes podiam estorvar sua viagem, como por lhes ficar largo poderem dobrar o Cabo de Boa Esperança. E havendo já um mês que iam naquela volta navegando com vento prospero, foram dar na Costa desta Província: ao longo da qual cortaram todo aquele dia, parecendo a todos que era alguma grande ilha que ali estava sem haver piloto nem outra pessoa alguma que tivesse noticia dela nem que presumisse que podia estar terra firme para aquela parte Ocidental. E no lugar que lhes pareceu dela mais acomodado, surgirão aquela tarde, onde logo tiveram vista da gente da terra: de cuja semelhança não ficarão pouco admirados, porque era diferente da de Guiné, e fora do comum parecer de toda outra que tinham visto. Estando assim surtos nesta parte que digo saltou aquela noite com eles tanto tempo, que lhes foi forçado levarem as ancoras, e com aquele vento que lhes era largo por aquele rumo, foram correndo a costa ate cegarem a um porto limpo, e de bom surgidouro, onde entrarão: ao qual puseram então este nome que hoje em dia tem de Porto Seguro, por lhes dar colheita, e os assegurar do perigo da tempestade que levavam Ao outro dia seguinte saiu Pedro Alvares em terra com a maior parte da gente na qual se disse logo missa cantada, e houve pregação: e os Índios da terra que ali se ajuntarão

ouvirão tudo com muita quietação, usando de todos os atos e cerimoniais que viam fazer aos nossos: e assim se punham de joelhos e batiam nos peitos como se tiveram lume de Fé, ou que por alguma via lhes fora revelado aquele grande e inefável mistério do Santíssimo Sacramento, no que se mostravam claramente estarem dispostos para receberem a doutrina Cristã a todo o tempo que lhes fosse denunciada como gente que não tinham impedimento de ídolos, nem professava outra Lei alguma que podesse contradizer a esta nossa, como adiante se verá no capitulo que trata de seus costumes. Então despediu logo Pedro Alvares um navio com a nova a El Rey Dom Manuel, a qual foi dele recebida com muito prazer e contentamento: e daí por diante começou logo de mandar alguns navios a estas partes e assim se foi a terra descobrindo pouco a pouco, e conhecendo de cada vez mais, até que depois se veio toda a repartir em Capitánias e a povoar da maneira que agora está. E tornando-a Pedro Alvares, seu descobridor, passado alguns dias que ali esteve fazendo sua aguada e esperando por tempo que lhe servisse, antes de se partir por deixar nome aquela Província, por ele novamente descoberta, mandou alçar uma cruz no mais alto lugar de uma arvore, onde foi arvorada com grande solenidade e bênçãos de Sacerdotes que levava em sua companhia, dando á terra este nome de Santa Cruz: cuja festa celebrava naquele mesmo dia a Santa Madre igreja, que era aos três de maio. O que não parece carecer de Mistério, porque assim como nestes Reinos de Portugal trazem a cruz no peito por insígnia da Ordem e Cavalaria de Christus, assim prove a ele que esta terra se descobrisse a tempo que o tal nome lhe podasse ser dado neste Santo dia, pois havia de ser possuída de Portugueses, e ficar por herança de patrimônio ao Mestrado da mesma Ordem de Christus. Por onde não parece razão que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos dele tão indevidamente por outro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o pão da tinta começou de vir a estes Reinos; ao qual chamaram brasil por ser vermelho, e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome de Brasil. Mas para que nesta parte magoemos ao Demônio, que tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memória da Santa Cruz e desterra-la dos corações dos homens, mediante a qual somos redimidos e livrados do poder de sua tirania, tornemo-lhe a restituir seu nome e chamemo-lhe Província de Santa Cruz, como em principio (que assim o amoesta também aquele ilustre e famoso escritor João de Barros na sua primeira Década, tratando deste mesmo descobrimento) porque na verdade mais é destimar, e melhor soa nos ouvidos da gente Cristã o nome de um pão em que se obrou o mistério de nossa redenção que o doutro que não serve de mais que de tingir panos ou cousas semelhantes.

CAPITULO II

Em que se deve o Sitio e qualidades desta Província

Esta província Santa Cruz está situada naquela grande America, uma das quatro partes do mundo. Dista o seu principio dous grãos da equinocial para a banda do Sul, e daí se vai estendendo para o mesmo sul até quarenta e cinco grãos. De maneira que parte dela fica situada debaixo da Zona tórrida e parte debaixo da temperada. Está formada esta Província á maneira de uma harpa, cuja costa pela banda do Norte corre do Oriente ao Ocidente e está olhando diretamente a Equinocial; e pela do Sul confina com outras Províncias da mesma America povoada e possuídas de povo gentílico, com que ainda não temos comunicação. E pela do

Oriente confina com o mar Oceano Africo, e olha diretamente os Reinos de Congo e Angola até o Cabo de Boa Esperança, que é o seu oposto. E pela do Ocidente confina com as altíssimas serras dos Andes e fraldas do Peru, as quais são tão soberbas em cima da terra qui se diz terem as aves trabalho em as passar. E até hoje um só caminho lhe acharão os homens vindos do Peru a esta Província, e este tão agro que em o passar perecem algumas pessoas caindo do estreito caminho que trazem, e vão parar os corpos mortos tão longe dos vivos que nunca os mais vem, nem podem ainda que queiram dar-lhe sepultura.

Destes e doutros extremos semelhantes carece esta Província Santa Cruz porque com ser tão grande não tem Serras, ainda que muitas, nem desertos nem alagadiços que com facilidade se não possam atravessar. Alem disto é esta Província sem contradição a melhor pera a vida d.C. homem que cada uma das outras de America, por ser comumente de bons ares e fertilíssima, e em grão maneira deleitosa e aprazível á vista humana. O ser ela tão salutifera e livre de enfermidades, procede dos ventos que geralmente cursam nela: os quais são Nordeste e Sues, e algumas vezes Lestes e Lessuestes. E como todos estes procedam da parte do mar, vem tão puros e coados, que não somente não danam; mas recreiam e acrescentam a vida do homem. A viração destes ventos entra ao meio dia pouco mais ou menos e dura até de madrugada: então cessa por causa dos vapores da terra que o apagam, e quando amanhece as mais das vezes está o Céu todo coberto de nuvens, e assim as mais das manhãs chove nestas partes, e fica a terra toda coberta de névoa por respeito de ter muitos arvoredos que chamam a si todos estes humores. E neste intervalo sopra um vento brando que na terra se gera, até que o sol com seus raios o acalma, e entrando o vento do mar acostumado, torna o dia claro e sereno, e faz ficar a terra limpa e desimpedida de todas estas exalações.

Esta Província é à vista mui deliciosa e fresca em grão maneira: toda está vestida de mui alto e espesso arvoredo, regada com as águas de muitas e mui preciosas ribeiras de que abundantemente participa toda a terra, onde permanece sempre a verdura com aquela temperança da primavera que cá nos oferece Abril e Maio. E isto causa não haver lá frios, nem ruínas de inverno que ofendam as suas plantas, como cá ofendem às nossas. Em fim que assim se houve a Natureza com todas as cousas desta Província, e de tal maneira se comedio na temperança dos ares, que nunca nela se sente frio nem quentura excessiva.

As fontes que ha na terra são infinitas, cujas águas fazem crescer a muitos e mui grandes rios que por esta costa, assim da banda do Norte, como do Oriente, entram no mar Oceano. Alguns deles nascem no interior do sertão, os quais vem per longas e tortuosas vias a buscar o mesmo Oceano: onde suas correntes fazem afastar as marinhas águas per força, e entram nele com tanto ímpeto, que com muita dificuldade e perigo se pode por eles navegar. Um dos mais famosos e principais que ha nestas partes é o das Amazonas, o qual sai ao Norte meio grão da equinocial para o Sul e tem trinta léguas de boca pouco mais ou menos. Este rio tem na entrada muitas ilhas que o dividem em diversas partes e nasce de uma lagoa que está cem léguas do mar do Sul ao pé de umas serras do Quito, Província do Peru, donde partirão já algumas embarcações de Castelhanos, e navegando por ele abaixo vieram sair em o mar Oceano meio grão da Equinocial, que será distancia de 600 léguas per linha direita, não contando as mais que se acrescentam nas voltas que faz o mesmo rio. Outro mui grande cinqüenta léguas deste para Oriente sai tão bem ao Norte, a que chamam rio do Maranhão. Tem dentro muitas ilhas, e uma no meio da barra que está povoada de gentio, ao longo da qual podem surgir quaisquer

embarcações. Terá este rio sete léguas de boca pela qual entra tanta abundância de água salgada, que daí cinqüenta léguas pelo sertão dentro, é nem mais nem menos como um braço de mar até onde se pode navegar per entre as Ilhas sem nenhum impedimento. Aqui se metem dous rios nele que vem do sertão, per um dos quais entrarão alguns Portugueses quando foi do descobrimento que foram fazer no ano de 35, e navegarão por ele a cima duzentas e cinqüenta léguas até que não poderão ir mais por diante por causa da água ser pouca, e o rio se ir estreitando de maneira que não podiam já por ele caber as embarcações. Do outro não descobrirão cousa alguma e assim se não sabe até gora donde procedem ambos.

Outro mui notável sai pela banda do Oriente ao mesmo Oceano a que chamam de Sam Francisco: cuja boca está em dez grãos e um terço, e será meia légua de largo. Este rio entra tão soberbo no mar, e com tanta fúria que não cega a maré à boca, somente faz algum tanto represar suas águas e daí três léguas ao mar se acha água doce. Corre-se da boca, do Sul pera o Norte: dentro é muito fundo e limpo, e pode-se navegar por ele ate sessenta léguas como já se navegou. E daí por diante se não pode passar por respeito de uma cachoeira mui grande que ha neste passo onde cai o peso da água de mui alto. E acima desta cachoeira se mete o mesmo rio debaixo da terra, e vem sair uma légua daí, e quando ha ceias arrebenta por cima e arrasa toda a terra. Este rio procede de um lago mui grande que está no intimo da terra, onde afirmam que ha muitas povoações, cujos moradores (segundo fama) possuem grandes haveres de ouro e pedraria. Outro rio mui grande, e um dos mais espantosos do mundo, sai pela mesma banda do Oriente em trinta e cinco grãos, a que chamam rio da Prata o qual entra no Oceano com quarenta léguas de boca: e é tanto o ímpeto de água doce que traz de todas as vertentes do Peru, que os navegantes primeiro no mar bebem suas águas, que vejam a terra donde este bem lhes procede. Duzentas e setenta léguas por ele acima está edificada uma Cidade povoada de Castelhanos que se chama Ascensão. Até aqui se navega por ele, e ainda daí por diante muitas léguas. Neste rio pela terra dentro se vem meter outro a que chamam Paraguai, que tão bem procede do mesmo lago como o de Sam Francisco que atras fica. Além destes rios ha outros muitos que pela costa ficam, assim grandes como pequenos, e muitas enseadas, baías, e braços de mar, de que não quis fazer menção, porque meu intento não foi se não escolher as cousas mais notáveis e principais da terra, e trata-las aqui somente em particular, para que assim não fosse notado de prolixo e satisfizesse a todos com brevidade.

CAPITULO III

Das Capitánias e povoações de portugueses que há nesta Província

Tem esta Província, assim como vai lançada na linha Equinocial para o Sul, oito Capitánias povoadas de Portugueses, que contém cada uma em si pouco mais ou menos cinqüenta léguas de costa, e demarcam-se umas das outras por uma linha lançada Leste oeste: e assim ficam limitadas per estes termos entre o mar Oceano e a linha da repartição geral dos Reis de Portugal e Castela. As quais Capitánias El Rey Dom João, o terceiro desejoso de plantar nestas partes a Religião CHRISTÃ, ordenou em seu tempo escolhendo para o governo de cada uma delas vassallos seus de sangue e merecimento, em que cabia esta confiança, os quais edificarão suas povoações ao longo da costa nos lugares mais convenientes e acomodados que lhes pareceu para a vivenda dos moradores. Todas estão já mui povoadas de

gente, e nas partes mais importantes guarnecidas de muita e mui grossa artilharia que as defende e as segura dos inimigos assim da parte do mar como da terra. Junto delas havia muitos Índios quando os Portugueses começaram de as povoar: mas porque os mesmos índios se levantavam contra eles e lhes faziam muitas traições os Governadores e Capitães da terra destruíram-nos pouco a pouco, e matarão muitos deles: outros fugirão para o sertão e assim ficou a terra desocupada de gentio ao longo das Povoações. Algumas aldeais destes Índios ficarão todavia ao redor delas, que são de paz, e amigos dos Portugueses que habitam estas Capitánias. E para que todas no presente capítulo faça menção, não farei por ora mais que referir de caminho os nomes dos primeiros Capitães que as conquistarão e tratar precisamente das povoações, sítios e portos onde residem os Portugueses, nomeando cada uma delas em especial assim como vão do Norte para o Sul, na maneira seguinte.

A primeira e mais antiga se chama Tamaracá, a qual tomou este nome de uma ilha pequena, onde sua povoação está situada. Pero Lopes de Sousa foi o primeiro que a conquistou e livrou dos Franceses em cujo poder estava quando a foi povoar: esta ilha em que os moradores habitam divide da terra firme um braço de mar que a rodeia, onde tão bem se ajuntam alguns rios que vem do sertão. E assim ficam duas barras lançadas cada uma para sua banda, e a ilha em meio: per uma das quais entram navios grossos e de toda a sorte, e vão ancorar junto da povoação que está daí meia légua, pouco mais ou menos. Tão bem pela outra que fica da banda do Norte se servem algumas embarcações pequenas, a qual por causa de ser baixa não sofre outras maiores. Desta ilha para o Norte tem esta Capitania terras mui largas e viçosas, nas quais hoje em dia estiveram feitas grossas fazendas, e os moradores foram em muito mais crescimento, e florescerão tanto em prosperidade como em cada uma das outras si o mesmo Capitão Pero Lopes residira nela mais alguns anos e não a desampará no tempo que a começou de povoar.

A segunda Capitania que adiante se segue, se chama Paranãobuco: a qual conquistou Duarte Coelho, e edificou sua principal povoação em um alto á vista do mar, que está cinco léguas desta ilha de Tãoaracá em altura de oito grãos: chama-se Olinda, é uma das mais nobres e populosas vilas que ha nestas partes. Cinco léguas pela terra dentro está outra povoação chamada Igaroçú, que por outro nome se diz a Vila dos Cosmos. E além dos moradores que habitam estas Vilas ha outros muitos que pelos engenhos e fazendas estão espalhados, assim nesta como nas outras Capitánias de que a terra comarcã toda está povoada. Esta é uma das melhores terras, e que mais tem realçado os moradores que todas as outras Capitánias desta Província os quais foram sempre mui favorecidos e ajudados dos Índios da terra, de que alcançarão muitos infinitos escravos com que granjeiam suas fazendas. E a causa principal de ela ir sempre tanto avante no crescimento da gente foi por residir continuamente nela o mesmo Capitão que a conquistou, e ser mais freqüentada de navios desde Reino por estar mais perto dele que cada uma das outras que adiante se seguem.

Uma légua da povoação de Olinda para o Sul está um arrecife ou baixo de pedras, que é o Porto onde entram as embarcações. Tem a serventia pela praia e tão bem per um rio pequeno que passa por junto da mesma povoação. A terceira Capitania que adiante se segue, é da Bahia de Todos os Santos, terra de El Rey nosso Senhor: na qual residem o Governador, e Bispo, e Ouvidor geral de toda a costa. O primeiro Capitão que a Conquistou, e que a começou de povoar, foi Francisco Pereira Coutinho: ao qual desbaratarão os Índios com a força de muita guerra que lhe fizeram a cujo ímpeto não pode resistir, pela multidão dos inimigos

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

